

Um quilombo na tevê

» WALESKA BARBOSA

Jornalista, escritora e apresentadora do Quilombo de Wal (TV Comunitária de Brasília, canal 12)

“Eu xutou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje.” Conheci o ditado pelo documentário *AmarElo*, de Emicida. Desde então, ele me serve de apoio para entender algo que pressentia sobre o tempo. Assim, aos 46 anos, jornalista há 22, eu me vejo em outro lugar que não o texto escrito, em jornais, sites, livros. E só agora entendo como cheguei a uma emissora de televisão.

Eu posso falar sobre a experiência sob diversas óticas. Puxando ganchos, para usar um termo jornalístico, que poderiam vir de navio atravessando o Atlântico. Vir a pé descendo a ladeira com balaços na cabeça. Vir de camburão e, antes de descer, levar tiro na nuca sob a alegação de auto de resistência. Vir em silêncio — tal qual Anastácia e sua máscara de ferro. Ou vir soando alto em atabaques e tambores.

Mas, eu puxo um gancho meu mesmo. Talvez da rede no terraço da casa que ocupamos no bairro de Bodocongó, onde cresci, em Campina Grande/PB. Foi ali que assisti à tevê quando criança. E foi esse tempo que evoquei quando quis conhecer o percurso da pedra lançada.

Em quem eu poderia me inspirar como entrevistadora preta? Naquele tempo eu assistia a TV Mulher — dali lembro de Marília Gabriela, Marta Suplicy. Segui vendo Leda Nagle encerrar o *Jornal Hoje*, aos sábados, com entrevistas antológicas. Ainda que eu cite mulheres, e ainda bem que posso fazê-lo, as que há não posso chamar por nenhum nome quando eu quero encontrar meu referencial de mulher negra comandando um microfone, no lugar de apresentadora ou entrevistadora. Naqueles tempos idos.

Não me refiro a bancadas ou sofás atentos e preocupados com a diversidade, com o cumprimento de uma ação afirmativa que represente ao menos a controversa cota, vá lá. Eu sou a que chamou um quilombo. Para que nossas mãos e corpos e valências pudessem desbravar o mato alto do espaço fechado das televisões. E, lá de dentro, como se embrenhadas na Serra da Barriga, bradásemos nossa resistência. Deixásemos à mostra nossa existência. Um Quilombo de Wal. Não para se esconder, como disse Lourdes Teodoro, mas para se (a)mostrar.

E eu, que, com sotaque paraibano, como se chegara ontem a esta cidade Brasília, o “s” meio sibilante, o corpo-preto-território, a total inexperiência com este meio de comunicação, aceitei a sugestão/pergunta: Por que você não faz um programa na TV Comunitária?

Recebida por Paulo Miranda, presidente da entidade, obtive o sim. Algumas instruções. Os horários vagos na segunda-feira disponível (optei por aquele que permitiria buscar minha filha na aula da tarde). E foi tudo o que soube antes. E durante. Sem treino. Sem piloto. Sem ensaio. Sem experiências anteriores. Com uma estrutura mínima (mas pública e disponível), nenhum dinheiro e o sentimento de me sentar em



estúdio americano ou global mesmo e me sentir apta, grande, gigante. Praticamente uma Oprah Winfrey das paragens daqui.

Contando com dois ou três amigos voluntários e algumas tantas pessoas que me serviriam de conselheiras, segui para a estreia. Coração aos pulos. Errei o caminho, cheguei atrasada, ouvi reprimenda, cumprimentei a entrevistada, dei de cara com Luazi Luango montando o cenário (um dos que segue comigo na empreitada), me sentei em uma cadeira, recebi uma aula sobre o posicionamento das três câmeras do estúdio. Cruzei as pernas, peguei minhas folhas de papel, minhas anotações mal organizadas, ouvi uma contagem regressiva e entrei ao vivo, sem saber bem para onde olhar, que sorriso abrir e como sairiam as primeiras palavras. Ao meu lado, uma das mulheres negras mais importantes para o debate da questão racial de Brasília e do Brasil, Lourdes Teodoro.

Do outro lado de um vidro que nos

separava da equipe técnica, eu via subir, quando em vez, um papel. Dez. cinco. Três. Um. Encerrar. Trinta minutos haviam se passado e eu não tinha noção de como havia conduzido ou havia sido conduzida por aquele encontro. Deixei-me ser avaliada. Acolhi a mim mesma e me achei corajosa que só por ter aceito a pergunta/sugestão. Por ser, para quem procurava, a entrevistadora preta que não achei na minha infância. Por cumprir a missão. E até pelo ímpeto de desistir, de não ir, de desinventar essa história.

Mas estou lá. No papel desnudo de ser uma mulher preta que gosta de ouvir e aprender com outras mulheres, outras gentes pretas. Ser a entrevistadora delas. Aprender fazendo. Só porque eu sou jornalista, afinal. Só porque eu acredito na comunicação, devo admitir. Só porque fico feliz de deixar que digam, que pensem, que falem. As nossas vozes. Aos nossos ouvidos.

Cegos de Brasília têm oficina com Carlos Bracher

» SILVESTRE GORGULHO

Jornalista, foi secretário de Estado de Comunicação (1985/1988) e de Cultura (2007/2010)

Cego é quem tem medo de ousar. Brasília nasceu de uma ação geopolítica ousada sob o comando do presidente JK. A seu modo, JK sacudiu o Brasil. Seu governo plantou hidroelétricas, estradas, bom humor e compromissos. Cumpriu todas as 31 metas prometidas durante sua campanha à Presidência. Plantou indústria automobilística e magnanimidade, perdoando revoltosos e inimigos políticos. JK plantou Brasília. O Brasil colheu um novo país. Brasília é a capital da ousadia. Não sou cineasta, mas vou fazer o roteiro de um filme ainda não rodado, mas já exibido em Brasília, e que terá novo capítulo dia 17 de maio.

Primeira cena: de junho de 2020 a agosto de 2021, o jurista Cláudio de Castro Panoeiro foi Secretário Nacional de Justiça do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Hoje, Panoeiro é o Secretário Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Com um detalhe: Cláudio Panoeiro é cego. Nasceu com uma doença autoimune e degenerativa da retina chamada retinose pigmentar. Sem medo do desconhecido, Panoeiro conseguiu se formar em primeiro lugar, com nota máxima, doutor em direito pela Universidade de Salamanca, na Espanha. Foi a primeira pessoa cega a fazer uma sustentação oral no STJ. Teve, é verdade, fortes decepções na vida, como a que aconteceu na última fase de um concurso para juiz federal, ao ouvir do examinador: “Não reconheço a possibilidade de ter um juiz cego”.

Cego foi o juiz que não viu onde um deficiente visual pode chegar. Em junho de 2020, na sua posse como Secretário Nacional de Justiça, com a presença do então ministro da Justiça André Mendonça (hoje, no

Supremo) e da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, Cláudio Panoeiro explicou o segredo do sucesso de qualquer pessoa, deficiente ou não. “Todo sucesso depende de dois elementos. Vontade de chegar a algum lugar e ter a oportunidade de alcançar seus objetivos.”

Segunda cena: volta ao ano de 2007, início do governo Arruda. Justamente no 40º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro quando aprendi uma velha lição: só é cego quem não quer ver. Essa história, há 15 anos, mudou muitas vidas. Mudou, sobretudo, a relação dos patrocinadores e apoiadores da Sétima Arte no Brasil. O exemplo de Brasília despertou a importância da acessibilidade para cegos e surdos nos cinemas e nas produções cinematográficas.

Vale lembrar. Um mês antes da abertura do Festival de Cinema, fui provocado pela flautista e educadora Dolores Tomé de que os cegos queriam participar do Festival de Cinema. Tivemos que desenvolver uma tecnologia para que os cegos tivessem a áudio-descrição da imagem da tela (quando não houvesse som) para o perfeito acompanhamento do filme. Foram quatro testes no Cine Brasília, com a ajuda efetiva de 17 cegos e do então presidente da Associação Brasileira dos Deficientes Visuais, César Achkar, e com o apoio do **Correio Braziliense**.

Terceira cena: em 2008, o projeto avançou. Os próprios cegos criaram o Troféu Vagalume, que premiava o melhor filme na escolha deles. No ano seguinte, o cego João Júlio fez seu primeiro filme.

Quarta cena: o tempo passou. Agora, em 2022, dia 17 de maio, Brasília comete mais um ato de pura ousadia. Um desafio pessoal da secretária de Estado da Educação,

Hélvia Paranaguá, em parceria com a diretora da Kingdom School, Alice Simão. Hélvia Paranaguá pediu à sua assessora Vera Barros para mobilizar a equipe e reunir no auditório da escola Kingdom School, na Q.I. 11 do Lago Sul, alunos cegos e surdos da rede oficial de ensino para receber a palestra Arte & Cores, do artista plástico Carlos Bracher. Mais de 80 alunos cegos e surdos participarão. Eles vão pintar dois quadros sob a luz e energia do Bracher. Pela manhã, os cegos e surdos vão pintar um quadro sobre os 200 Anos da Independência do Brasil. À tarde, pintarão outro quadro sobre Brasília, 62 Anos.

Quinta cena: dia 18 de maio, quarta-feira, os alunos da Kingdom School, que estudaram intensivamente a vida e a obra de Carlos Bracher, farão uma exposição sobre o artista. E, à noite, haverá uma homenagem ao escultor mineiro. No evento, ele vai revelar seu novo e grande desafio para Brasília: lançará o projeto da criação de uma escultura sobre o calculista e poeta Joaquim Cardozo, engenheiro que deu leveza e beleza a todos os palácios projetados por Oscar Niemeyer. A escultura será exposta na Esplanada dos Ministérios, em lugar a ser escolhido pelo GDF.

Sexta cena: já foi o tempo em que cegos não enxergavam. Que eram dependentes. Hoje, eles ultrapassam barreiras, aceitam desafios e provam que a pior cegueira é aquela que impede mesclar ações e conquistas da raça humana com solidariedade. Cego é quem tem medo de ousar para não errar. Cegueira é acreditar que a felicidade adentra nosso coração apenas para dar prazer. Puro engano: a felicidade só é real, verdadeira e duradoura se for compartilhada.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Petróleo, alimentos e ilusão

Notícia recente dando conta de que a Petrobras registrou lucro de R\$ 44,5 bilhões apenas nos três primeiros meses desse ano aponta para uma perspectiva, dentro de uma simples regra de três, de que ao final de 2022, essa estatal terá lucro algo como R\$ 200 bilhões. Um sucesso. Tomando apenas os números desse primeiro trimestre, o que se sabe é que a Petrobras teve, no período de janeiro a março, o maior lucro já registrado nos últimos anos, superando petroleiras famosas como Chevron, Shell, ExxonMobil, Equinor, BP e TotalEnergies, ou seja as maiores empresas do planeta.

É algo a se comemorar? Depende de que lado do balcão está o indivíduo. Uma ida a qualquer posto de combustível no Brasil, de qualquer bandeira, para o abastecimento do carro, de passeio ou de trabalho, é sempre uma surpresa desagradável, para dizer o mínimo. Praticamente toda semana há reajustes, para cima, nos preços dos combustíveis. Essa realidade é mundial. Apenas nos últimos doze meses, o preço do diesel aumentou 55,1% e a gasolina 31,4%, segundo dados da própria Agência Nacional do Petróleo (ANP). O lucro da estatal se explica porque ela é a maior vendedora de petróleo no mercado interno brasileiro, dominando praticamente toda a cadeia, da produção à distribuição.

Para aqueles que estão do lado de dentro desse balcão formidável, os acionistas, nacionais e estrangeiros, esse resultado extraordinário é motivo de grande comemoração. Para o brasileiro médio, que vive a expectativa nebulosa do aumento da inflação para dois dígitos, a alta semanal nos valores dos combustíveis tem forçado o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) para cima (mais de 12% em 12 meses), provocando uma série de impactos nos preços em geral, principalmente alimentos.

Não há o que comemorar. Os lucros dessa empresa, celebrados com grandes alaridos, afetam negativamente a população brasileira. A equação é simples: Sempre que se registram lucros nessa empresa, quem sofre é a população brasileira, já que esses ganhos são obtidos, quase sempre, com a venda interna desses produtos à preços dolarizados e, portanto, muito longe do poder aquisitivo do cidadão do país.

Temos a exemplo do que acontece hoje no agrobusiness brasileiro, dois setores, um produzindo petróleo e outro grãos e proteínas, que não contribuem para que esses produtos sejam oferecidos a preços, digamos, honestos e acessíveis. Temos, aqui, uma equação de soma negativa para os consumidores. Tanto o agrobusiness nacional quanto a Petrobras são grandes produtores de lucros, que, de forma direta e visível, jamais contribuíram para aliviar o bolso do consumidor brasileiro.

Ir ao supermercado ou ao posto de gasolina dá, ao cidadão desse país, uma noção exata do que são esses dois setores. Os ufanistas e outros alienados da direita e da esquerda levantam e agitam a bandeira desses dois setores, ou porque são massa de manobra política ou porque possuem ligações diretas e indiretas com esses nichos da nossa economia. Lula, quando ameaça os possíveis compradores da estatal de petróleo, e mesmo Bolsonaro, que finge enxergar benefícios para a população no agrobusiness, estão cada um no seu lugar. Ambos estão muito longe do que anseia o grosso da população, que deseja encher o tanque de combustível sem pagar grandes somas e depois ir ao supermercado e encher o carrinho com comida boa e barata.

Na antiga questão, envolvendo o Brasil oficial versus o Brasil real, Petrobras e agrobusiness figuram como sujeitos de uma pantomima muito útil aos governos da hora. Para a população em geral, a propaganda oficial insiste de que esses são dois ativos muito importantes para o país. A questão é: de que país eles estão falando?

Quem aceitará?

» Depois da notícia que demos sobre as veterinárias que saem ilesas ao cometerem erro médico levando a óbito animais de estimação, o leitor João Madeira sugere que o cliente fique isento da conta se o bicho morrer.

Notícia

» Números sobre a violência doméstica durante a pandemia aumentaram muito. Pesquisa divulgada pela Febraban dá conta de que, no setor bancário, foram quase 300 registros de violência doméstica contra funcionários. O número de casos levou à criação de um canal exclusivo para os registros além da elaboração e aplicação de programas de acolhimento e apoio às vítimas.

» História de Brasília

As Centrais Elétricas de Goiás estão para aprovar, numa concorrência de grande vulto, a proposta de uma firma que não oferece as condições exigidas pela Celg. O governador Mauro Borges não está informado do assunto, mas poderá reivindicar. (Publicada em 01.03.1962)